



EDUCAÇÃO E RELIGIÃO: A CONGREGAÇÃO PASSIONISTA E SUA RELAÇÃO COM OS IMIGRANTES ITALIANOS (VÊNETOS) DO MUNICÍPIO DE COLOMBO/PR

MARA FRANCIELI MOTIN*

INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XIX foi marcada pela entrada de um grande número de imigrantes europeus no Brasil, ancorado em diversas estratégias vistas como necessárias para o desenvolvimento do país. No Paraná, esta realidade foi acentuada com a emancipação política de São Paulo, no ano de 1853, em que se havia a necessidade de ocupar os vazios demográficos da província paranaense. Com maior autonomia política, tem-se a lei nº 29, de 21 de março de 1855, em que seu artigo primeiro trazia que:

Art. 1º - Fica o governo autorizado a promover a emigração de estrangeiros para esta província, empregando neste sentido os meios que julgar mais convenientes, e preferindo sempre atrair os colonos e demais estrangeiros que já se acharem em qualquer das províncias do Brasil. (PARANÁ, 1912)

Através da promoção da imigração, visava-se dinamizar as pequenas comunidades rurais, nas quais estes imigrantes contribuiriam para o crescimento populacional e organização das vilas, trazendo consigo a construção de igrejas, comércios e escolas. A partir deste incentivo, diversas foram as colônias de imigrantes criadas no Paraná, entre estas as italianas.

Aliadas a esse fluxo imigratório intenso, inúmeras são as congregações católicas que adentram o Brasil para atender estes imigrantes, através de trabalhos sociais e religiosos, incluindo nesta lista, a coordenação de escolas. Tal contexto tem ênfase com o advento republicano no Brasil e a laicização do Estado, na qual a Igreja perde o espaço oficial na educação pública e sofre algumas ameaças pelas propostas do ensino laico e pela chegada dos protestantes que passam a ocupar esse cenário educacional. Desta maneira, a Igreja Católica se utilizou da educação como estratégia para acentuar a disseminação de seus ideais, tendo conseqüentemente um aumento na abertura de escolas católicas.

Nesse momento, a Educação Católica passa a ser elemento de destaque na estratégia do Episcopado para acelerar o processo de romanização da Igreja no

*Mestranda em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Brasil, e para fazer face à rede de escolas protestantes que começam a surgir, um pouco por toda a parte, no território nacional. É justamente neste período, [...] que são fundados no Brasil, ou aqui vêm se instalar, muitas Congregações Religiosas, especialmente os dedicados à educação escolar da juventude, tanto masculina, quanto feminina. (ALVES, 2005, p.210)

Como decorrência do atendimento a estes imigrantes, muitos dos religiosos que adentraram as terras brasileiras eram provindos da mesma região destes sujeitos. Desta forma, vários aspectos culturais da terra de origem destes foram mantidos e reforçados no Brasil, tendo como pano de fundo a Igreja Católica. É nesse contexto que a Congregação Passionista passa a trilhar seus passos em Colombo/PR, antiga colônia italiana Alfredo Chaves, primeiramente através dos Padres Passionistas, em 1915, e mais tarde, em conjunto com as Irmãs Passionistas, em 1927 até 1933. Neste contexto, o presente trabalho tem como objeto de estudo as práticas religiosas e educacionais desta Congregação no município, que influenciaram na construção de uma identidade cultural.

Tal construção perpassa pelo âmbito da História Cultural, permitindo um novo olhar sobre as práticas e símbolos, religiosos e escolares, relacionando-os às dimensões além da Igreja e Escola. Tais aspectos enfatizam características próprias de uma sociedade composta expressivamente por imigrantes italianos (vênets), tendo valores religiosos e familiares bem marcados. Para tanto, tem-se a seguinte problematização: como a Congregação Passionista auxiliou na estruturação de uma identidade cultural em Colombo/PR?

Com este intuito, organizou-se este trabalho apresentando a imigração italiana no Brasil (TRENTO, 1988), com ênfase no caso paranaense que culminou na origem de Colombo, a partir das ações dos imigrantes que ali se estabeleceram e a forte influência do catolicismo no cotidiano deles (AZZI, 1987). Na consolidação desta sociedade, identificaram-se algumas práticas (CHARTIER, 1990), orientadas pela Congregação Passionista, determinantes de um campo religioso (BOURDIEU, 2005) de atuação, que utilizaram-se estrategicamente do setor educacional, com a participação das Irmãs Passionistas, para a construção de uma cultura escolar (JULIA, 2001) e a estruturação de uma identidade cultural (OTTO, 2014) neste município.

E essa relação se inicia com a chegada dos primeiros imigrantes à Colônia Alfredo Chaves.

A imigração italiana/vêneta e a colônia Alfredo Chaves

Um dos primeiros contratos que firmou a vinda dos italianos ao Paraná, na primeira grande imigração, foi entre o presidente da Província, Venâncio José Lisboa, e o empresário, Sabino Tripoti. Os “imigrantes vindos da Itália desembarcaram no Rio de Janeiro em 1875, trazidos pelo veleiro *Anna Pizzorno* [...]”, instalaram-se em Paranaguá, região litorânea, fundando ali a Colônia Alexandra. (TRENTO, 1988, p. 87)

O objetivo em alocar estes imigrantes nesta região era o de contribuir com o desenvolvimento da indústria açucareira, já que os poloneses e alemães estavam nos arredores de Curitiba, suprindo as necessidades alimentares da capital. Porém, a permanência da maioria destes italianos na Colônia Alexandra não durou muito tempo; a “localização logo se revelou infeliz, pois os terrenos escolhidos eram pantanosos e insalubres e os colonos enfrentaram bem cedo uma situação desesperadora, também porque, após seis meses, Tripoti não dava mais adiantamentos [...]”. (TRENTO, 1988, p. 87)

Em 1877, com a fundação da Colônia Nova Itália, em Morretes, também região litorânea, estes imigrantes abandonaram Alexandra e para lá se dirigiram. Neste novo local, em novembro do mesmo ano, chegaram vários grupos familiares chefiados pelo Padre Angelo Cavalli, dentre os quais, os fundadores da Colônia Alfredo Chaves.

Porém, a transferência destes italianos da Nova Itália para o planalto curitibano foi inevitável, uma vez que esta colônia apresentava péssimas condições administrativas e climáticas. Para acomodar esse grande número de imigrantes, criaram-se as primeiras colônias italianas nos arredores da capital, no ano de 1878: Antonio Rebouças, Santa Maria do Novo Tyrol da Boca da Serra, Dantas (Água Verde), Santa Felicidade e Alfredo Chaves. Posteriormente tem-se as colônias Pilarzinho, Eufrásio Correia, Antonio Prado, Maria José, Presidente Faria, Santa Gabriela e Umbará. (MASCHIO, 2014)

Caracterizando estes imigrantes, destaca-se que:

Para o Brasil vieram predominantemente imigrantes do Vêneta, cuja proporção atingiu 47,68% do conjunto da imigração italiana [...]. Esta proporção tende a elevar-se quando se trata dos contingentes de italianos estabelecidos em núcleos coloniais do Sul do Brasil, nos quais, a proporção de imigrantes oriundos do Vêneta

chega a ultrapassar 90%, como ocorre nas colônias italianas do Paraná.
(BALHANA, 1978, p. 16)

Tendo uma origem comum, diversas práticas e características desses locais foram mantidas nestas colônias paranaenses. Por saírem de uma Itália recém-unificada, a maioria destes imigrantes não tinha construído a noção de pertencimento étnico à nação italiana, os valores culturais que traziam eram muito mais ligados ao trabalho no campo, família e religião católica.

Dentre as colônias em que eles foram alocados, uma das poucas a se tornar município no Paraná, foi a Alfredo Chaves. Esta colônia foi elevada à categoria de vila, em 1890, sendo denominada “Villa Colombo” e, em 21 de abril de 1892, tornou-se município, e passou a ser chamada de “Colombo”.

Após se instalarem na colônia Alfredo Chaves, em setembro de 1878, quatro meses depois, em 21 de janeiro de 1879, foi organizado um abaixo assinado solicitando a construção de uma Igreja e um cemitério. (MACHIOSKI, 2013) Pelo pouco tempo entre a chegada destes imigrantes a Alfredo Chaves e a solicitação destes locais, ressalta-se o papel de destaque da religião para esta população.

A primeira capela teve sua construção no ano de 1885. Contava com visitas esporádicas do sacerdote italiano Pietro Colbacchini. Porém, ao “ter que voltar para a Itália em meados de 1894, Colbacchini encarregou a Bonato de manter viva entre os colonos a obra missionária iniciada, até que pudessem ser enviados novos religiosos.” (AZZI, 1987, p. 246).

A partir de outubro de 1895, em Colombo, foi criada a Paróquia Nossa Senhora do Rosário e para ela, designado o sacerdote italiano (vêneto) Francisco Bonato.

Com o crescimento da cidade e através de uma visita pastoral no dia 4 de agosto de 1897, “D. José de Camargo Barros, achando a igreja muito pequena, ordenou que se construísse, logo, outra maior. Benta a pedra fundamental, a 11 de maio de 1899, graças à generosidade e operosidade dos colonos, levantou-se a atual Matriz, com 344 metros quadrados”. O presbitério foi bento no ano de 1908, marcando o início das atividades neste novo local. (A ARQUIDIOCESE, 1958, p. 104)



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Padre Francisco Bonato ficou a frente da Paróquia de Colombo até 13 de maio de 1913, data de sua morte. Seu trabalho foi sucedido provisoriamente pelo Padre João Morelli, missionário de São Carlos, seguido por Ângelo Macagnani, secular, entre 1913 e 1915. A partir de 1915, a Paróquia passou a ser assistida pela congregação italiana dos Padres Passionistas, presente até hoje nesta cidade.

Os Padres Passionistas e o Colégio Santo Antonio

Segundo o livro da Arquidiocese de Curitiba (1958), no dia 8 de setembro de 1911, chegaram ao Brasil, mais especificamente a Curitiba, os primeiros Padres Passionistas. Em dezembro do mesmo ano, mais missionários desta congregação se subdividiram entre a capital e a cidade de Antonina (litoral). Interessante destacar que a atuação destes religiosos no Brasil, em seus primórdios, teve ligação com o atendimento aos imigrantes italianos, conforme o registro no “Livro das Crônicas do Convento do Calvário (1911 – 1952)”, de São Paulo, no qual relata o pedido do Arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva para que: “abrissem um Convento deles em São Paulo para a assistência religiosa da numerosa Colônia Italiana que ali reside”¹.

Em São Paulo os Padres Passionistas chegam com o propósito de atender aos imigrantes italianos, fato que se repete em 1915, quando assumem a Paróquia de Colombo. O primeiro representante desta congregação em terras colombenses foi o padre italiano Sigismundo. Segundo Machioski (2013), a congregação enviou para Colombo missionários italianos, até a década de 1950. Desta forma, tem-se a atuação de padres italianos,

¹ “[...] aprissero um loro Convento in S. Paolo per l’assistenza religiosa della numerosa Colonia Italiana che ivi risiede”.

Para todos os textos em italianos apresentado nesse artigo, fez-se a livre tradução, mantendo os originais em nota de rodapé.

pertencentes a uma congregação também italiana, em uma antiga colônia criada para atender estes imigrantes peninsulares.

Nesta referência as origens do outro lado do Atlântico, na relação entre os sacerdotes e a população colombense, muitas práticas culturais eram acentuadas. Além da religiosidade, valorizada por estes imigrantes, tem-se a utilização da língua, conforme o depoimento de um filho de imigrante:

Pe. Alberto, só depois que veio a guerra, a última guerra mundial, que ele fazia a prática dentro da Igreja em português. Sempre em italiano. Que os brasileiros tinham... não gostavam disso, sabe, eles iam a missa e não escutavam o que o Padre... não sabiam de nada... (BONATO, 2003)

A partir destas práticas, pode-se destacar que a “língua traduzia uma visão de mundo, valores morais e sociais que foram se mantendo ao longo do tempo. Portanto, preservar a língua de origem significa manter uma identidade cultural, que é contrastiva com a sociedade brasileira.” (RENK, 2004, p. 28) Por mais que os imigrantes fossem de uma região diferente dos sacerdotes Passionistas, entende-se que o fato de utilizar o italiano *standart* ou dialetos diferentes do vêneto, língua recorrente da maioria colombense, ainda assim essa prática era uma aproximação cultural destes sujeitos com as suas origens.

Entre os anseios de manter os valores vênetos na construção e estruturação da antiga colônia, que perpassavam pelo trabalho, família e religião, tem-se também a busca pela escolarização de seus filhos. A *Società Italiana di Mutuo Soccorso Cristoforo Colombo*, presente no município de Colombo, mantinha uma escola. No dia 24 de novembro de 1910, o professor Giovanni Batista Lovato, comunicou o funcionamento de uma escola particular, denominada Santo Antonio, onde as aulas eram ministradas em italiano e frequentadas por meninos, filhos dos associados. (MASCHIO, 2012)

O Colégio Santo Antonio, foi caracterizado inicialmente como uma *Regia Scuola Italiana*, ou seja, uma escola subsidiada pelo governo italiano, e mantida no município de Colombo pela *Società Italiana Cristoforo Colombo*. A *Scuola Santo Antonio*, diferentemente das escolas que eram mantidas pelas sociedades de mútuo socorro da capital, traziam como nome, não um herói italiano, mas sim um santo católico e,

Apesar de as Scuole Italiane All'estero receberem subsídios e materiais do governo italiano e seguissem o programa escolar oficial italiano conforme previa a "Legge Crispi", a Scuola Santo Antonio tinha a aprovação dos membros da igreja católica local. Sendo assim, ainda que a escola usufruísse do material disposto pelo governo italiano, garantia que a catequese e a moral católica fossem ensinadas irrestritamente nas aulas. (MASCHIO, 2012, p. 285)

Desta maneira, esse ambiente de ensino subsidiado pelo governo italiano, era marcado por características católicas, tão valorizadas pelos imigrantes de Colombo. Na teoria, para as estatísticas, estes sujeitos eram italianos; na prática, para suas representações culturais, eram homens do campo, com vínculos familiares profícuos, mas principalmente católicos, e nesses símbolos culturais e religiosos a Igreja teve destaque em Colombo, já que "[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem". (BOURDIEU, 1989, p. 7 – 8)

Neste contexto de cumplicidade implícita, as escolas confessionais católicas tiveram um grande prestígio nas colônias italianas. Desta forma, a antiga *Scuola Santo Antonio* é ampliada e reformulada, a partir da influência dos Padres Passionistas. No mesmo ano em que os Passionistas chegam a Colombo, 1915, consta a autorização para a compra de um terreno destinado a construção de uma escola, conforme apreende-se no trecho abaixo:

Por delegação especial de S. [...] Mon. João T. Braga, Bispo de Curitiba, o Sr. João Battista Lovato comprou um terreno de uns vinte mil metros quadrados, pelo valor de um conto e trezentos mil reis. A Colonia quiz fazer compra em nome da Mitra Santa Diocese, para melhor tutelar dita propriedade, destinada ao levantamento de um Collegio ou qualquer obra em favor do pòvo Catholico de Colombo. (LIVRO TOMBO, 1915, p. 5)

Percebe-se neste trecho a preocupação da Igreja em oferecer a população colombense uma educação católica. No dia 22 de julho de 1917, tem-se a abertura oficial do Colégio, através de uma missa com o Bispo de Curitiba, conforme o livro Tombo da Igreja,

Concluiu a Homilia dizendo que se tivéssemos nesta hora dar conta ao Supremo Juiz poderíamos apresentar o Collegio entre as nossas bôas obras. [...] o Bispo por

te-la abençoada, enviando as dignas Irmãs Zeladoras, os Padres por terem trabalhado animando o povo, o povo Colombense especialmente os Paes de Familia por ter feito os maiores esforços em levantar esse monumento para a boa educação dos proprios filhos. (LIVRO TOMBO, 1917, p. 11 – 12)

Destaca-se acima que o Colégio contou com a colaboração de Igreja e comunidade para ser erguido, e desta maneira, a “escola, antes italiana vinculada à Sociedade de Mútuo Socorro, tornava-se confessional católica. Continuava a denominar-se Colégio Santo Antonio, passava a ser dirigida pelas *Suore Apostole del Sacro Cuore di Gesu*”. (MASCHIO, 2014, p. 271)

Quando passou a ser confessional, o Colégio Santo Antonio ampliou seu atendimento, tendo alunos de ambos os sexos. Apreende-se que o Colégio Santo Antonio “era um espaço social para manutenção da fé dos filhos dos imigrantes”, fazendo parte de uma estratégia e assistencialismo da Igreja em que “muitas ordens religiosas vieram com os imigrantes europeus, com uma proposta específica.” (RENK, 2004, p. 40)

Cabe ressaltar que estas escolas confessionais católicas tinham uma relação muito maior com os costumes das comunidades rurais destes imigrantes, longe da política estatal italiana, defendida pelas escolas étnicas e laicas, muitas vezes voltada para a elite, que se concentrou nos centros urbanos.

Nesta criação do jeito ítalo-brasileiro, conforme destaca Otto (2014, p. 235),

as escolas constituíram-se em estratégias para manutenção e/ou reinvenção de determinada identidade cultural. Inicialmente, as aulas eram dadas na casa do professor, em seguida, a escola funcionava na pequena capela construída pelos imigrantes e, quando as condições permitiam, na construção de uma edificação própria.

Este foi o caminho percorrido por algumas das escolas católicas italianas no Paraná, que teve como expoente a atuação educacional das Irmãs do Sagrado Coração de Jesus. Como aponta Maschio (2012), estas religiosas reafirmavam a relação entre a italianidade e a fé católica, sendo acentuada através da criação de escolas confessionais nas colônias. Esta congregação ficou a frente do Colégio Santo Antonio até o ano de 1927, quando foram substituídas pelas Irmãs Passionistas.

Nesta perspectiva, destaca-se a afirmação de Renk (2004, p. 19) de que “há de se considerar que a instalação das escolas confessionais nos núcleos de colonização de estrangeiros contribuiu significativamente para a formação moral, religiosa e educacional da sociedade brasileira”. Através da educação proporcionada a esses imigrantes, perpassando por valores culturais, a Igreja utilizou-se dessas ações para impor um campo de atuação,

Assim, o capital de autoridade propriamente religiosa de que dispõe uma instância religiosa depende da força material e simbólica dos grupos ou classes que ela pode mobilizar oferecendo-lhes bens e serviços capazes de satisfazer seus interesses religiosos, sendo que a natureza destes bens e serviços depende, por sua vez, do capital de autoridade religiosa de que dispõe levando-se em conta a mediação operada pela posição da instância produtora na estrutura do campo religioso. (BOURDIEU, 2005, p. 58)

É nessa tríplice relação entre religiosidade, cultura vêneta e Padres Passionistas, que as Irmãs Passionistas chegam a Colombo, em 1927, para compor uma cultura escolar que “[...] não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular”. (JULIA, 2001, p. 10)

Neste novo momento, sendo representada tanto pela esfera masculina (padres) e feminina (freiras), Colombo passa a contar com uma educação marcadamente Passionista. Entre as ações das Irmãs em Colombo, tem-se a educação formal da população e a formação de religiosos para a Congregação.

As Irmãs Passionistas – entre educação e formação

A vinda das Irmãs Passionistas ao Brasil está relacionada com a existência de um asilo para crianças necessitadas e, mesmo não tendo a pretensão de assumir ou fundar escolas oficiais, o papel destas religiosas, ligado ao seu carisma de fundação, sempre foi o apoio social na educação, principalmente feminina. Quando chegam primeiramente a São Paulo, em 1919, a convite dos Padres Passionistas, em um abrigo repleto de crianças órfãs, iniciam, ao seu modo, suas práticas educacionais pautadas em valores católicos.

Desta forma, não tardou para abrirem a primeira escola particular, neste estado, para atender alguns alunos externos. Tem-se a documentação de que, no dia 3 de julho de 1923,

teve-se o despacho favorável para a abertura do Externato Santa Luzia do Abrigo Santa Maria. (PASSIONISTAS, [s.d.]

Com sua primeira instituição particular de ensino, no Estado de São Paulo, as Irmãs tiveram referências importantes, uma vez que,

A atuação dos reformadores paulistas nos anos iniciais do novo regime permitiu que se consolidasse uma estrutura quase que intacta em suas linhas essenciais nos primeiros 30 anos da República e que seria apresentada como paradigma aos demais estados, muitos dos quais reorganizaram seus sistemas a partir do modelo paulista [...]. (TANURI, 2000, p.68)

Mesmo com as críticas, o sistema escolar paulista foi porta-voz dos preceitos de uma “pedagogia moderna”, discutido por diversos estados brasileiros. As Irmãs Passionistas, com a sede provincial neste estado, formam suas primeiras vocações brasileiras em meio a estas discussões, e são estas vocações formadas em São Paulo, que mais tarde são enviadas para assumir o Colégio Santo Antonio, no município de Colombo – Paraná, entre 1927 e 1933.

Cabe ressaltar que as primeiras candidatas, para dar continuidade a missão das Irmãs Passionistas no Brasil, são providas do município de Colombo, no ano de 1920. Neste ano, inicia-se o entrelaçamento dessas religiosas com a população colombense.

Após se estabelecerem em São Paulo, com uma obra assistencial e uma escola, as Irmãs começam a expandir sua atuação pelo Brasil, inicialmente em Curitiba, 1926, chegando a Colombo, em 1927.

O início das atividades das Irmãs Passionistas em Colombo é registrado através do seguinte texto, na Ata Histórica da Congregação:

Em 1927, a pedido do Rvmo Vigario Pe. Alberto Passionista e da população de Vila Colombo no Estado do Paraná, para lá se dirigiram, afim de fundar uma nova casa, quatro Irmãs em companhia da Rvma. Madre Provincial. Aos 8 de dezembro desse ano, as Irmãs foram recebidas pela Pia União das Filhas de Maria, que em procissão foram busca-las a entrada da Vila. Tomaram parte na recepção o Exmo. Snr. Prefeito Municipal e demais autoridades locais. Demais de assistir a missa paroquial, dirigiram-se para o Colegio, onde foram tiradas varias fotografias. (PASSIONISTAS, 1940, p. 7)

Percebe-se pelo trecho que a escola tinha grande relevância para a comunidade colombense, contando com a presença em sua inauguração, além do clero e comunidade, pessoas políticas da cidade. Abaixo tem-se a representação de um desses momentos, através de uma fotografia da chegada dessas religiosas.

Figura 2 – Chegada das Irmãs Passionistas em Colombo/PR – 1927.



Fonte: Acervo iconográfico da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Interessante denotar no registro acima a representação de quatro bandeiras. A primeira, da esquerda para a direita, infere-se que seja a bandeira brasileira, seguida pela bandeira da Congregação Passionista, do Vaticano e do Reino da Itália. Mesmo nenhuma das religiosas que permaneceu no Colégio, no período de 1927 a 1933, fosse de origem italiana, a pátria dos colonos e/ou descendentes era ainda lembrada pelo Colégio. Essa relação entre a congregação e a italianidade vêneta do povo de Colombo, pode se dar pelo o que pontua Luchese e Rech (2014, p. 276):

Diversas ordens e Congregações Religiosas, que atuavam em favor dos imigrantes, mantiveram escolas. As *escolas* confessionais, masculinas e femininas, não podem ser classificadas como étnicas, mas tinham características culturais do país de origem da congregação.

Pedagogicamente talvez a influência das Irmãs Passionistas, em Colombo, tenha sido marcada por traços muito mais paulista do que italianos, pelo fato de três, das quatro freiras que atuaram nesta instituição, serem naturais de São Paulo, em conjunto com uma formação religiosa neste Estado. Porém, em Colombo, as Passionistas assumiram a educação escolar dos descendentes italianos, que viam no catolicismo uma forma de manter sua cultura e

tradição, juntamente com o desenvolvimento de um ambiente modelador para os futuros padres e freiras desta congregação.

Com a formação desses religiosos Passionistas no Brasil, a atuação dos mesmos se estendia para diversas ações sociais, demonstrando que as “práticas educativas têm ocorrido, ao longo do tempo, fora dessa instituição e, às vezes, com maior força do que se considera, principalmente para certos grupos sociais e em determinadas épocas”. (LOPES; GALVÃO, 2005, p. 24)

Com atuação no estado de São Paulo e no Paraná, no ano seguinte, tem-se a visita da Madre Geral Passionista, Angélica Michelagnoli, ao Brasil. “Nas três casas brasileiras foi afetuosamente recebida. Encantou-a particularmente a beleza topográfica, a quietude, a simplicidade de Colombo”. (BOLETIM, 2002, p. 7)

Algumas práticas do Colégio Santo Antonio, juntamente com a impressão das terras colombenses são retratadas por Angelica Michelagnoli, em um diário sobre sua viagem ao Brasil, no ano de 1928. Tem-se o seguinte registro, do dia 26 de setembro de 1928:

Enquanto isso, nós visitamos a casa e depois fomos até as crianças. Uma parte destas estavam no teatrinho, e logo fizeram um pouco de ginástica cantando. Duas crianças ofereceram uma bela cestinha de flores e me entregaram-na. Depois foi ao palco uma outra quantidade de pequenos e estes também cantaram e recitaram. Depois, todos foram novamente para a grande praça, onde o fotógrafo esperava.²

Percebe-se na narrativa de Ir. Angelica, algumas atividades escolares desenvolvidas no Colégio Santo Antonio. Entre estas, destaca-se a atividade física e a prática cultural.

As razões que motivaram a vinda das irmãs Passionistas a Colombo, foram: atendimento à educação até a 4ª série primária, atuação na catequese, Cruzada Eucarística e a colaboração na formação dos Seminaristas Passionistas por meio da educação. (ZOCA, 2007, p.16)

Desde as raízes do Colégio Santo Antonio, a prática católica foi priorizada, enfatizando as relações sociais, como o desenvolvimento da escolarização da população

² “Noi intanto visitammo la casa e poi andammo dai bambini. Una parte di questi erano sul teatrino e tosto fecero un po’ di ginnastica cantando. Due bambine offerirono un bel cestino di fiori e me lo porsero. Poi andò sul palco un’altra quantità di piccoli e questi pure cantarono e recitarono. Poi tutti passarono nuovamente sul piazzale ove il fotografo attendeva”.

colombense, que direta ou indiretamente nos remete a tradição dos imigrantes italianos (vênetos) que chegaram nesta cidade.

[...] ao longo das experiências de revolta ou de abandonos, emergiu a evidência de que o colégio não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de inculcação de comportamentos e de habitus que exige uma ciência de governo transcendendo e dirigindo, segundo sua própria finalidade, tanto a formação cristã como as aprendizagens disciplinares. (JULIA, 2001, p.22)

Neste conjunto de ações exercidas pela Igreja, destacando os Passionistas, a educação organizada por esta congregação se deu pela apropriação de conceitos da etnicidade e dos princípios da congregação, “remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.” (CHARTIER, 1990, p. 26)

A educação católica desenvolvida no Colégio Santo Antonio, principalmente na coordenação das Irmãs Passionistas, manteve o carisma original desta congregação italiana, na esfera masculina e feminina, mas de forma indireta, pois se assumiu a possibilidade de formar, no Colégio, os religiosos que poderiam desenvolver as atividades sociais em outras obras da Congregação pelo Brasil.

CONCLUSÃO

Marcados por um catolicismo cultural, trazidos do outro lado do Atlântico, uma das primeiras ações realizadas por esses imigrantes nos primórdios da colônia Alfredo Chaves, no Paraná, foi a construção de uma Igreja. Através da idealização e concretização deste ambiente, os Padres Passionistas se estabelecerem em Colombo, no ano de 1915.

Neste novo local, a atuação da Congregação Passionista foi além de um atendimento espiritual a esta população. Composta por sacerdotes italianos, os valores da terra de origem destes imigrantes e descendentes tiveram referências nas práticas religiosas destes sujeitos, inclusive através da língua.

Em pouco tempo nesta cidade, os padres, em conjunto com a comunidade, articulam a construção de um colégio católico, em 1917, que a partir de 1927 até 1933, passou a contar

com as Irmãs Passionistas, em um primeiro momento que estas religiosas estiveram nesta instituição.

Na união entre padres e freiras, a Congregação Passionista assumiu a possibilidade de formar muitas vocações religiosas em Colombo, além de ampliar o atendimento desta congregação para as esferas da catequese, auxiliando um maior número de descendentes de italianos desta cidade.

Nesta relação entre educação e religião, foi possível identificar algumas das práticas pautadas na fé católica, em valores familiares e nos costumes trazidos pelos imigrantes. Entende-se, por fim, que o desenvolvimento de uma cultura escolar, influenciada pelo campo religioso, caracterizou e reforçou a identidade cultural colombense.

REFERÊNCIAS

ALVES, Manoel. Sistema Católico de educação e ensino no Brasil: uma nova perspectiva organizacional e de gestão educacional. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 5, n.16, p. 209-228, set./dez. 2005.

AZZI, Riolando. **A igreja e os migrantes**. São Paulo: Paulinas, v.I, 1987.

BALHANA, Altiva Pilatti. **Santa Felicidade, uma paróquia veneta no Brasil**. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. – 6 ed. – São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto Histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, nº 1, p. 9 – 43, jan./jun. 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005, 2 ed.

LUCHESE, Terciane Ângela; RECH, Gelson Leonardo. O processo escolar entre imigrantes italianos e descendentes no Rio Grande do Sul (1875 – 1914). In: LUCHESE, Terciane Ângela (Org). **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2014. Cap. 9, p. 255 – 281.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. A presença do catolicismo e da identidade italiana na criação do município de Colombo. In: MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **Memórias de uma colônia**

italiana: Colombo – Paraná (1878 – 2013). Porto Alegre: EST Edições, 2013. Cap. 2, p. 39 – 78.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias de italianità e brasilítá (1875-1930).** Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, (Tese de doutorado), 2012.

_____. Os Imigrantes Italianos, seus Descendentes e suas Escolas Frente às Campanhas de Nacionalização do Ensino em Curitiba / Paraná (1900 – 1930). In: QUADROS, Claudemir de (Org). **Uma gota amarga: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2014. Cap. 8, p. 259 – 289.

OTTO, Clarícia. Escolas italianas em Santa Catarina: disputas na construção de identidades. In: LUCHESE, Terciane Ângela (Org). **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2014. Cap. 8, p. 233 – 254.

RENK, Valquíria Elita. **A educação dos imigrantes alemães católicos em Curitiba.** – Curitiba: Champagnat, 2004.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, mai/jun/jul/ago. 2000, p. 61-88.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil.** São Paulo: Nobel, 1988.

ZOCA, V. E. **A contribuição do Colégio Santo Antonio para o processo de romanização da Igreja Católica e para a manutenção da cultura italiana.** Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, (Dissertação de mestrado), 2007.

FONTES

A ARQUIDIOCESE de Curitiba na sua história. [Curitiba]: [s.n.], 1958.

BOLETIM – **Província Imaculado Coração de Maria.** Ano III. Nº 4. Junho de 2002.

BONATO. Depoimento concedido em 24/05/2003. Acervo da Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia.

Diário de Angelica Michelagnoli (viagem ao Brasil – 26 de julho de 1928).

LIVRO TOMBO, número II. Acervo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, 1900.

LIVRO DAS CRÔNICAS do Convento do Calvário (1911 – 1952). Acervo da Paróquia do Calvário, 1911.

PARANÁ. **Leis, Decretos, Regulamentos e Deliberações**. Tomo II. Governo da Província do Paraná. 1855 –1857. Curitiba: Typographia Penitenciária. 1912.

PASSIONISTAS. **Livro Histórico 1**. Acervo da Província São Gabriel da Virgem Dolorosa, 1940.

_____. **Subsídios para a história da província São Gabriel da Virgem Dolorosa**. São Paulo, [s.d.].